

## Masculino, feminino e a experiência de ser humano

**Florian Davyn Burfeind**

*Psicoterapeuta e membro da Comunidade de Cristãos em Chicago.*

O tema de gênero e da igualdade de gênero parece ter feito um retorno em nosso mundo de notícias, com muitas histórias voltadas para as desvantagens que as mulheres ainda enfrentam em nossa vida cultural e no local de trabalho. Subjacente a essas histórias há a noção de que há dois sexos, masculino e feminino. Apesar de brilhar uma luz sobre injustiças é um primeiro passo necessário para enfrentar qualquer problema social, a justaposição do homem e da mulher pode realmente dificultar o nosso progresso para a justiça de gênero, porque carece de uma compreensão espiritual de gênero e de nossa humanidade, ao mesmo tempo obscurecendo um movimento rumo a uma nova compreensão do gênero que já está ocorrendo em nossa cultura.

Nos últimos anos, novas pesquisas culturais e científicas começaram a desafiar nossa compreensão coletiva de sexo e gênero como estritamente binárias, como duas categorias separadas e mutuamente excludentes de homens e mulheres. Programas de televisão retratam personagens transexuais de forma mais proeminente e favorável do que nunca, e artistas transgêneros e de gênero não conforme e figuras públicas são recebidas com níveis crescentes de respeito e compreensão na mídia popular. Em nossas próprias vidas, podemos conhecer crianças e jovens que vêm até nós e dizem que não são do gênero que pensávamos que fossem; que, embora as pessoas ao seu redor dissessem que eram um menino, eles são realmente uma menina, ou que não são nem um menino nem uma menina. Disciplinas acadêmicas nas ciências humanas e sociais, principalmente na área temática chamada de Teoria Queer, também questionam o paradigma binário do gênero, bem como a natureza socialmente construída desse velho paradigma. Nas ciências naturais, incluindo os campos da neuropsicologia e da medicina, o sexo biológico é agora entendido como um conglomerado de traços corporais tais como órgãos sexuais internos e níveis hormonais que existem em um continuum. Nesta paisagem de mudança de sexo e gênero, podemos nos encontrar refletindo sobre a nossa própria relação com essas realidades complexas. Como podemos entender essas novas experiências e percepções a partir de uma perspectiva que vê o ser humano como uma unidade de corpo, alma e espírito?

Na sociedade ocidental o gênero foi visto como um tema binário, baseado em uma leitura particular da história judaico-cristã da Criação. Deus criou o homem Adão e a mulher Eva, e a raça humana foi assim dividida nestas duas categorias com base nas características exteriores do sexo. O sexo de uma criança é determinado ou atribuído no nascimento e com isto vem um conjunto de expectativas e de regras para a expressão de gênero e o comportamento social aceitáveis. Considerando que o sexo biológico de uma pessoa tem a ver com traços sexuais internos e externos, a expressão de gênero pode ser entendida como tudo que está próximo ao corpo físico, mas que não é o próprio corpo físico: penteado, roupas, postura e linguagem corporal, gestos, mesmo a fala e a entonação. Uma fisicalidade associada com masculinidade é tradicionalmente alinhada com uma expressão de gênero considerada masculina, por exemplo, cabelo curto, roupas com simples cortes em linha reta e em cores mais escuras, uma postura que ocupa espaço e linguagem corporal que expressa confiança. Na esfera social, onde trazemos nossos dons individuais para a comunidade na família e vida de trabalho, a masculinidade está associada com as faculdades anímicas do pensamento e da vontade, e a feminilidade com carinho e sentimento. No Reino Unido, mulheres conquistaram o poder do voto apenas há cem anos, e ainda há muitos mais homens eleitos do que mulheres. As universidades e a maioria de profissões somente abriram suas portas a candidatas mulheres gradualmente e não há muito tempo, por causa da suposição de que as mulheres são seres inferiores física e mentalmente e por isso inadequadas para cumprir tarefas de um médico, de um advogado, de um pastor, ou como CEO. Apesar de uma narrativa em mudança sobre o que as mulheres são capazes e as leis que proíbem a discriminação sexual, tais ideias são difundidas e ainda ativas hoje, e reveladas em estatísticas de representação de gênero e as disparidades salariais entre os sexos em diferentes indústrias.

Talvez seja porque a nossa sociedade capitalista valorize vocações associadas com a masculinidade mais do que aquelas tradicionalmente associadas com a feminilidade e a mudança ocorrida no século XX em termos de expectativas de gênero foi principalmente na direção da masculinidade. Em um século que viu duas guerras mundiais tornou-se aceitável para mulheres usar calças, estudar e ter uma carreira, mesmo depois de se casar e ter filhos. Mais recentemente, um debate começou sobre como os meninos são socializados em nossa sociedade sem falar sobre seus sentimentos, e países como a Suécia estão promovendo a igualdade no âmbito da nutrição e cuidados com a família, estendendo a licença parental após a chegada do recém-nascido para os pais, bem como as mães.

Parece haver um movimento constante para mais igualdade entre os sexos, paralelamente com o que pode ser descrito como uma ampliação de nossos conceitos do que significa ser um homem ou uma mulher. Qualidades tradicionalmente associadas a um gênero estão começando a ser incorporadas ao sexo oposto e são mais e mais vistos como qualidades humanas a que todos têm acesso independente de sua anatomia. Ao mesmo tempo, encontramos indivíduos cuja expressão ou identidade de gênero questiona o próprio conceito de gênero, que está enraizado em uma compreensão dualista da anatomia humana. Estes indivíduos têm características sexuais associadas com um sexo enquanto sua expressão de gênero e a experiência de seu gênero é do sexo oposto, ou se identificam como um sexo que cai fora do binário completamente. Algumas identidades de gênero não-binárias são, por exemplo, de gênero neutro ou andrógino (nem homem nem mulher), bissexuais (homem e mulher ao mesmo tempo ou alternando, com certas qualidades e experiências de gênero sendo mais proeminentes em determinadas configurações do que em outros), e gênero Queer (combinações de masculinidade e feminilidade). Aqui vemos um movimento afastado do que poderia talvez ser descrito como um excesso de identificação com o corpo, uma separação dos aspectos expressivos e experienciais do gênero da fisicalidade. O gênero está mudando de duas maneiras, revelando dois movimentos ou gestos: em primeiro lugar, como um alargamento da nossa compreensão tradicional do homem e da mulher, masculinidade e feminilidade e, em segundo lugar como uma ampliação de nossa experiência de gênero fora de sua escravidão do corpo físico.

Rudolf Steiner, o filósofo austríaco e visionário que ajudou a fundar a Comunidade dos Cristãos, deixou claro desde o início que um movimento para a renovação religiosa permitiria a ordenação de mulheres e homens para o sacerdócio, uma noção bastante radical para seu tempo. Em suas palestras para professores da primeira Escola Waldorf, ele também salientou a importância da igualdade entre os sexos, afirmando que meninos e meninas devem ser educados juntos e não em classes separadas como ainda era o costume. Ele sentia que separar pessoas com base nas características do sexo exterior se baseava em uma visão materialista do ser humano que não considerava o cerne espiritual eterno do indivíduo. Nessa era de nossa consciência, está se tornando cada vez mais claro que assim que dividimos e categorizamos as pessoas com base em características externas, não vemos sua individualidade; ela recua para o fundo e fica mais difícil de se manifestar. Ao mesmo tempo, encontramos indivíduos que, por vezes, desde uma idade muito jovem expressam a sua individualidade e são bastante claras sobre quem são, abrindo assim a porta para vermos a sua individualidade espiritual além do sexo.

As crianças e os jovens (e os que permanecem jovens no coração) trazem o novo em virtude da sua proximidade com o mundo espiritual. Tendo chegado ao mundo terreno do âmbito das leis e ideias espirituais mais recentemente, eles trazem novas formas para a realidade viva. Steiner descreveu como nosso anjo implanta essas novas imaginações do mundo espiritual em nossa alma durante o sono. A parte do nosso ser que pode tirar impressões do próprio mundo exterior para que se torne o nosso mundo interior, também é capaz de receber impressões de natureza espiritual quando estamos naturalmente dormindo para o mundo exterior à noite ou como um exercício consciente na meditação. As imagens que o guardião de nosso Eu Superior, nosso outro Eu em oposição ao nosso eu cotidiano, guia para o nosso ser são intenções para nosso desenvolvimento humano. São trimembradas, a saber: ver a individualidade ou o Eu Superior de cada ser humano, que eventualmente significará que ninguém pode estar na paz enquanto outros estiverem sofrendo; ver o núcleo divino em cada ser humano, que necessita de liberdade na vida religiosa; e acessar verdades espirituais

através de um pensar do coração, o que leva à introspecção da natureza espiritual do mundo ao nosso redor. Estas três capacidades amadurecem naqueles que se dedicam a desenvolver a consciência de nosso tempo.

Somos auxiliados neste desenvolvimento por um evento espiritual que Rudolf Steiner falou diversas vezes em 1910. Ele descreveu como almas do século XIX que haviam se permeado de pensamentos materialistas durante a vida levaram tal materialismo para o mundo espiritual após a morte. Isto levou a que Cristo fosse crucificado uma segunda vez, desta vez no reino das forças etéricas ou vitais, onde vive após a Ascensão. No século XX, mais notadamente a partir da década de 1930, uma segunda Ressurreição iria ocorrer e já estava acontecendo quando Steiner falou em 1910. Era uma Ressurreição do Cristo nos corações humanos. O destino levaria alguns indivíduos a encontrar o Cristo como um anjo diante do grande sofrimento e da morte. Esta comunhão do indivíduo, o Eu Superior, com o Cristo teria lugar em meio à destruição do mundo pelas forças adversas que tentavam evitar este tipo de comunhão. Sabemos que o século XX conheceu uma grande destruição, com duas guerras mundiais e o colapso dos grandes impérios na Europa. O nacionalismo e o bolchevismo ameaçaram afogar o indivíduo, e isso incluía perseguição e, de fato, o extermínio de seres humanos que mostravam individualidade no pensamento ou na expressão. Em 1933 oficiais do governo nazista fecharam o *Institut für Sexualwissenschaft* (Instituto de Sexualidade), em Berlim, que estudava e apoiava sexualidades marginalizadas e identidades de gênero para além do binário por mais de uma década. Muitas das nossas ideias emergentes sobre sexo e gênero já foram expressas então. Uma certa maleabilidade ou flexibilidade começou a se anunciar, mas foi afrontada por uma onda esmagadora de materialismo endurecido.

Rudolf Steiner expressou a necessidade de que a humanidade desenvolvesse órgãos da percepção para o etérico, o âmbito de forças vitais, do ritmo e de nosso entendimento coletivo.

Sabemos que quando Cristo veio à terra, a organização vital do ser humano se tornou quase unida com o físico; era frágil e quase incapaz de sustentar a vida na terra. A Ressurreição do Cristo deu novas forças vitais para o ser humano; Ele nos acelerou. A contínua comunhão com Ele muda a nossa constituição intimamente. Como Cristo está nos alcançando até o âmbito etérico e renova nossas forças vitais, podemos experimentar um aumento da flexibilidade e ampliação do gênero como um resultado direto – anunciando não apenas uma mudança na paisagem de gênero, mas o surgimento do novo ser humano – conduzido pelo espírito. Viver a partir do espírito e se esforçar para se relacionar com os outros como seres cuja essência espiritual está além do gênero, nem masculino, nem feminino, mas humano, pode nos ajudar a superar as injustiças sociais baseadas na desigualdade de gênero.

Trazer consciência para a nossa própria relação com as forças da masculinidade e da feminilidade pode conferir uma sensação de liberdade para o nosso eu cotidiano e convidar nosso Eu superior, aquela parte de nós que é salvaguardada no reino dos anjos. Neste caminho podemos nos sentir acompanhados por Ele que, como Adam Bittleston afirmou, caminha como anjo pelo mundo.

### Referências:

Adam Bittleston, *Meditative Prayers for Today* (Floris Books, 1999)

Joanne Meyerowitz, *How Sex Changed* (Harvard University Press, 2002)

Lisa Romero, *Sex Education and the Spirit* (SteinerBooks, 2017)

Rudolf Steiner, ‘Women and Society’ [‘Die Frauenfrage’] (lecture held in 1906; GA 54)

Rudolf Steiner, *The Reappearance of Christ in the Etheric* (lectures held in 1910; GA 118)

Rudolf Steiner, ‘The Work of the Angel in Our Astral Body’ (lecture held in 1918; GA 182).

Perspectives.2018;88(4):22-27.

September–November 2018